

Prelúdio 1 - Antonio Quinet
O Um e o Dois na vida erótica.

A vida sexual dos seres humanos é atravessada pelo inconsciente. O sexual não é natural. O sexo é desnaturalizado por sermos seres de linguagem. O ser humano é um ser-para-o-sexo. Ele é, ao mesmo tempo, falta-a-ser e fala-a-ser. Falta-a-ser porque o ser a ele se furta e a pergunta “quem sou eu?” não cessa de se escrever. E fala-a-ser por ser falante e o sexo estar inscrito em seu corpo libidinal passando pelos desfiladeiros da linguagem que estrutura o Inconsciente. Esse fala-a-ser, nos diz Lacan, é um corpo falante.

O que enlaça homens e mulheres na vida sexual?

A resposta da ciência e da religião foi: a reprodução da espécie humana. E isto devido à diferença sexual anatômica pênis x vagina e do ato sexual como cópula promotor do encontro do espermatozoide com o óvulo. Essa resposta, na verdade, se depositou no imaginário até hoje em que a reprodução da espécie não é mais uma prerrogativa do sexo. Pois se isso caiu com o tempo, permanece, no entanto, para o senso comum, como fonte de tantos preconceitos que se sustentam na imagem do encaixe, como a chave na fechadura. Esse encaixe povoa o imaginário da vida sexual e afetiva do ser humano que sempre aspira a fazer Um na cama e na mesa. No Um do sexo esse imaginário vai desde o abraço até o sonho de gozar exatamente ao mesmo tempo e na mesma posição de preferência “papai e mamãe”. No imaginário do amor, o fazer Um muitas vezes se transforma no desejo de fazer Um filho. O imaginário do fazer Um enlaça o Dois no modelo do encaixe. Mas sabemos que o desejo de ter um filho não depende do amor. Ele é inerente à sexualidade feminina, como dizia Freud, podendo ser realizado, recalcado ou sublimado.

O encontro entre dois seres sexuais que falam é da ordem do “acaso”, não se programa, ele acontece. É o que Aristóteles chama de a causa accidental, a *tyché* que pode ser *eutiquia* um bom encontro ou *distiquia* um mau encontro. Se é um mau encontro seguramente não haverá laço e se for um bom encontro nada garante que o fará. O bom encontro promete o laço mais nem sempre se cumpre. As falas de amor durante o encontro sexual são promessas vãs. No dia seguinte o telefonema não vem. O laço do encontro se rompeu e a saudade ficou.

A recordação do gozo do encontro exige repetição e pede mais e mais e mais. Pede encoire, pede um corpo, pede o reencontro corporal. Mas a repetição não é laço, é a repetição do Um do gozo, a repetição do Um sozinho que comemora a irrupção do gozo. Trata-se de Um S1 que se repete. O encontro é da ordem do Um do gozo e há sempre exigência de repetição desse gozo... O que não deve ser confundido com o amor. Mas é claro que esse gozo do Um pode ser o catalizador do laço do Dois do amor. E virar assim o encontro para a vida toda. Mas não é a regra.

Aliás não há regra alguma nem para o amor nem para o sexo. É tudo desregrado. Pois a exigência da repetição do Um do gozo não está predestinado ao laço do Dois do amor. Não há discurso estabelecido e estável do laço amoroso. O amor é louco – está fora do discurso como laço social dentre os que estruturam nossa civilização. O amor é incivilizável, ele prega a desobediência civil. Ele se inventa a cada toque, a cada batida, a cada batimento seja dos lábios, do tambor ou do coração. E no horizonte do entardecer se ouve uma clarineta riscando o azul.

Prelúdio 2 - Lia Silveira

Análise, supervisão e desejo do analista: enlaces e desenlaces.

O famoso “tripé” da formação do analista: análise (um), supervisão (dois), estudo teórico (três) talvez seja o ponto pacífico para a maioria das entidades psicanalíticas. Desde a IPA até a Escola lacaniana, todos repetem isso que já virou quase um bordão. No entanto, chama a atenção o quanto a supervisão resta, muitas vezes, esmaecida. Ou, pelo menos no que diz respeito à elaboração desta experiência, não é frequentemente lembrada. No entanto, este dispositivo tem um lugar de fundamental importância, não só para a formação no que diz respeito ao exercício da clínica, mas também (é o que quero desenvolver aqui) pelo que ela pode apontar do desejo do analista.

Começamos então sacudindo um pouco esse “tripé”. Começamos pela palavra: tripé vem do latim *tripes* - edis, que tem três pés. É um instrumento que fixa, que torna estático. Seria essa a função do tripé da formação? Torná-la estática, um lugar confortável onde se instalar? Acredito que não, e é aí que podemos recorrer ao significativo que, em sua equivocidade, nos permite sair do impasse. Em português não temos somente “pé”, temos o “pé-de-vento”, o “pé-de-moleque”, o “pé-de-planta”, o “pé-de-valsa”... e por falar em valsas, por que não pensar a supervisão, a análise e estudo teórico como três pés que dançam, que bailam, se encontram e se afetam?

Um, dois, três ... um, dois, três... (pensem na contagem do tempo na valsas!) É sobre isso que eu queria falar, porque a minha hipótese é de que o desejo do analista é o que permite essa dança, impedindo que se congele feito estátua, os três pés no chão.

Para Lacan, o desejo do analista é algo que só pode manter-se de pé ao final de uma análise. É quando o sujeito, até então analisante, experimenta, em ato, o vazio do circuito pulsional do qual se fez, como objeto, o fecho. Ao extrair o gozo que tamponava esse vazio, o sujeito pode reconhecer-se aí, desvelando a verdade mentirosa que encobria o seu desejo e justificava como uma espécie de álibi a sua impotência em sustentá-lo. É esta operação que vai permitir consentir com o desejo do analista.

Mas, é fato da experiência, os sujeitos, muitas vezes, não esperam o final da análise para começar a sustentar uma clínica. De quando em quando entra-se nisso completamente inadvertido, as vezes tem-se pequenos vislumbres do

que mais tarde vai permitir sustentar essa prática, mas isso ainda é tênue. Por outro lado, tendo essa clínica iniciado, ela convocará o desejo, os encontros com o real. Todo mundo que começa a atender se dá conta disso, em algum momento.

E aí, quando o desejo do analista ainda não pode ser sustentado, o que responde é a angústia. Não se fala muito da angústia do lado do analista praticante, mas Lacan fala dela no seminário 10: “quando o analista inicia sua prática, não é impossível, graças a Deus, que, por mais que se apresente uma ótima disposição para ser analista, ele sinta, desde suas primeiras relações com o doente no divã, uma certa angústia.” (p.13) Vejam que Lacan, chistosamente, dá graças a Deus por essa angústia. Acredito que seja pelo fato de que angústia e desejo serem topologicamente congêneres. Então, a presença da angústia do lado do analista praticante é, antes de tudo, um guia que lhe permitirá explorar as veredas do seu desejo, remetendo-o então... à sua análise. Um, dois três...um dois, três..

Assim, podemos pensar sobre o tema a partir de duas perspectivas: a dos enlaces e desenlaces da supervisão e seus efeitos para a clínica do analista praticante; e a dos enlaces e desenlaces da supervisão e seus efeitos para a análise do analista praticante.

A primeira vertente é a mais óbvia, desde Freud isso se coloca. A supervisão surge nesse tripé como o lugar onde o operador necessário do “desejo do analista” vai poder se colocar (considerando que o supervisor é um analista que já chegou na sua análise ao ponto de poder sustentá-lo) enquanto a análise do analista praticante ainda não o permite fazê-lo.

Mas é quanto a segunda vertente desses enlaces que eu mais me surpreendi e gostaria de compartilhar com vocês. Queria dar aqui dois exemplos de como a supervisão se enlaça com o tempo da análise e remete a ela:

a) Um analista praticante assiste a um seminário teórico sobre a histeria. Ao final, resolve pedir supervisão ao ensinante que ministrava o seminário. Sua questão sobre o caso era acerca do diagnóstico: há dois anos escutando essa pessoa e a questão do pai não se colocava. Seu lugar no caso era uma incógnita já que não surgia espontaneamente na fala, e mesmo quando convocada, as respostas eram evasivas. Seria então uma psicose? Inicia-se a

supervisão, o analista praticante relata o caso, a partir do que ouviu, e coloca essa questão diagnóstica. Primeira pergunta do supervisor: porque você achou que eu podia lhe ajudar com esse caso? A resposta foi: porque eu achei interessante as coisas que você falou sobre o lugar do pai na histeria. A resposta veio apontando para o ato: “então você já respondeu a sua pergunta quando pensou em me procurar: trata-se de uma histeria. Se o pai não aparece é porque ele está deliberadamente escondido para que ele possa ser salvo. Procure isso.” Um tempo depois, na análise, foi possível perceber como essa intervenção apontava para algo do ato, sustentado pelo desejo do analista, embora ainda não sabido, naquele momento pelo analista-praticante. Um, dois, três... um, dois, três...

b) Um analista praticante manda uma mensagem para marcar uma supervisão com seu supervisor. Ao escrever, faz um lapso: me avise quando estiver “porta”, ao invés de “me avise quando estiver “pronta”. A supervisora chistosamente responde: “já abri a porta!”. O que vai se desenrolar nessa supervisão eu não vou contar aqui, mas posso dizer que algo do que aí se passou teve um efeito ao apontar exatamente para o que impedia o desenganchar de um impasse na análise, abrindo a "porta", literalmente. Mais uma vez, foi o trabalho da análise que permitiu ao sujeito poder atravessá-la. Um, dois, três.. um, dois, três...

... E o desejo do analista como quarto elemento, enlaçando essa valsa.

Prelúdio 3 - Ana Laura Prates Pacheco
Desfazendo o nó cego e dando nó em pingo d'água!

No Seminário RSI, que em francês ressoa como heresia, Lacan anuncia que há esperança de darmos um passo juntos, convocando os analistas da época a acompanhá-lo na aventura borromeana. Como dizem que a esperança é a última que morre, ainda hoje tentamos acompanhá-lo nesse passo que é, fundamentalmente, clínico. Lacan é enfático ao afirmar que o nó borromeano não é um esquema, aos moldes da “geometria do saco” freudiana, na qual id/ego/superego são esboçados a partir da separação entre mundo externo e mundo interno. Tampouco se trata de um modelo matemático, ou uma representação. O nó muito menos é uma transcendência, ou uma cosmologia, já que ele “parte da experiência analítica e é nisso que está o seu valor”. O nó, portanto, apresenta-nos o “espaço do parlêtre”, na medida em que só há ser da fala/palavra, a partir do acontecimento de um dizer. Graças a esse acontecimento, o corpo não se comunica com a linguagem. Não há razão (proporção/relação) possível entre a res cogito e a res extensa, razão esta, entretanto, que a fantasia fundamental do sujeito neurótico tenta escrever com as versões pulsionais do objeto a ($\$ \diamond a$). Constatamos que o máximo que ele consegue é fazer um nó cego (e também, muitas vezes, surdo e mudo), no qual fica preso e fixado.

É o dizer de Freud, desenvolvido por Lacan, que nos permite verificar a estrutura para além da fantasia; em outras palavras, é a Psicanálise que aponta a não coalescência entre o a e o $S(\mathcal{A})$ – o gozo opaco e à deriva, o Outro gozo, a terceira (pois gozo, em francês - jouissance, é artigo feminino). Já que a dualidade linguagem/corpo não faz um, logo, há três. O Real é três. Aqui é o dizer de Cantor que impera. O três no nó é cardinal, não há ordem nem prevalência de um sobre os outros dois. O três ex-site. Mas ele também insiste e consiste. Assim, o nó bo (apelido para borromeu) nos apresenta o impensável enlaçamento entre o equívoco fundamental e o sentido, RIS, RSI, ISR, IRS, SIR, SRI... Heresia lacaniana! Mas o nó, ele mesmo, também é a um só tempo real, simbólico e imaginário, na medida em que se mostra, se escreve e se imagina. Eis o segredo do nó, sua impossibilidade de fazer uma única consistência, pois cada duas que se enlaçam, esburacam a terceira.

Assim, as particularíssimas características desse tipo de enlace têm para Lacan, uma inestimável utilidade clínica. O sofrimento humano pôde ser formalizado e tratado – na experiência psicanalítica sob transferência – desde

que Freud o nomeou: inibição, sintoma, angústia. A partir do nó podemos precisar que a inibição (por mais que a chamemos de depressão) “é o que para de se imiscuir no buraco do simbólico”; a angústia (por mais que a chamemos de pânico) “parte do real e dá sentido à natureza do gozo que se produz aí”; e, mais ainda, continua sendo pelo sintoma (por mais que o chamemos de fibromialgia, TOC, ou TDH) que “identificamos o que se produz no campo do real”.

Ora, é justamente com o sintoma – “o efeito do simbólico no real” – que a Psicanálise opera, na medida em que possibilita ao sujeito desfazer o nó cego da fantasia e, através do inconsciente, operar a redução do sintoma até sua letra impronunciável. Sabemos que é preciso tempo para que se produza essa letra que separa as três modalidades gozosas, revelando que o buraco sem fundo cavado do nó cego é, realmente, furo estrutural que cospe o nome, sustentando e orientando nosso desejo incurável. Mas vale a pena apostar em outras tranças, que promovam novos laços (inclusive sociais, amorosos e sexuais), e que permitam ao falaser se virar (lidar, rebolar, ganhar a vida, pagar o preço, etc.) e nesse reviramento topológico: ver, ouvir e falar, inventar outra ficção do real. Não mais um nó cego, surdo e mudo. Antes, por que não arriscar o impossível, dando nó em pingo d’água?

Prelúdio 4 - Terezinha Saffi Dias de castro
Os enlaces e desenlaces na histeria

O tema escolhido para o XVI Encontro Nacional que acontecerá em Curitiba revela a importância das estruturas no campo psicanalítico e que em cada uma constata-se uma maneira particular de articular os registros do Real, Simbólico e Imaginário.

Quando falamos de neurose, psicose e perversão tratamos de estruturas de linguagem, que se sustentam (d)as amarrações desses registros. Pretendo com este texto, como um convite à produção, salientar a prática e teoria no campo da fala e da linguagem, os significantes e os laços sociais, alguns sintomas e suas manifestações.

A criança vem ao mundo tendo que ser amparada pela palavra do Outro e do seu sub-rogado. Nesse contexto de desamparo e de dependência, vai sendo determinada pelos efeitos da linguagem. Percebemos que desde o início da vida, e antes mesmo do nascimento, ocorrem os enlaces e desenlaces, portanto, a busca de satisfação e o mal-estar que brotam nos encontros e desencontros estão na base dos laços sociais, como referiu Freud. São os enlaces e desenlaces significantes que determinam o sujeito no discurso do Outro, antes mesmo de nascer e também na mais tenra infância. Na clínica psicanalítica, quando acontece de um sujeito entrar em análise, quando o analisante está decifrando os conteúdos do psiquismo e o que vai surgindo através de suas lembranças e suposições de sua história, suas fantasias, representações transferidas para o analista, repletas de investimentos sedutores, quando não atendidas as demandas, produzem um frisson, algo estranho e de uma inquietude. Suas elaborações repletas de intenções mancas e esperançosas, portanto, receberão, a interpretação, pontuação do analista em ato que produz uma fenda/falta.

No trilhamento de uma análise e diante das várias quedas das identificações, vão-se desvelando os sintomas em toda a sua gama de ocorrências. Assim, como outras formações do inconsciente, os sonhos, os lapsos, os atos falhos e os chistes.

Partindo desse arranjo em que as neuroses estão relacionadas às modalidades de desejo e gozo, segundo as estruturas e seus tipos clínicos, diz Freud que a histeria é caracterizada por um tipo de sintoma que se diferencia da fobia e da

neurose obsessiva e da perversão. Procede da estrutura da linguagem do inconsciente, onde encontramos sintomas conversivos e dissociativos, ou seja, a histeria se especifica pelo fenômeno da conversão. Na histeria o corpo fala e a divisão subjetiva aparece, por exemplo, em fenômenos dissociativos. É também uma forma de laço social entre as pessoas e tem uma modalidade particular de lidar com a castração.

O que quer a histérica?

Nem o próprio sujeito histérico sabe, cheio de não me toques, recusando-se ao sexo para manter-se em falta, desejante e sedutora, procura sustentar seu desejo como insatisfeito. Mesmo quando atendido não é isso. Nenhum saber serve por muito tempo. Por mais que se tente satisfazê-lo é impossível. Ela se priva do gozo e, assim, mantém uma recusa. Por estrutura é tanto sujeito como objeto que desliza de um ao outro, de sapato em sapato, de jóia em jóia. Segundo Quinet é “tagarela e consumidora em seu polo maníaco, quando não está em seu polo melancólico depressivo...a histérica se oferece e se guarda, oferece e se furta, provoca e escapole”. (Quinet, 2005, p.113). As queixas-explicações da histérica falam do nostálgico de não ter conseguido acesso à feminilidade e ao gozo porque o que deseja uma mulher é gozar. Fica à volta dos filhos, tendo dificuldade de se aceitar como objeto do desejo de um homem. A clínica nos mostra que muitos dos casos de histeria se enlaçam à maternidade parecendo advir o desejo de filho/falo de sua identificação ao masculino. Ressalto a pergunta histérica: O que é ser mulher, se não é ser mãe? Isso não é senão acentuar o desejo como vazio, enquanto insatisfeito? Nada vai completar.

Qual é o trabalho possível para essa estrutura com tantos enigmas e cujo desejo foi retido pelo inconsciente?

A clínica psicanalítica acolhe o sujeito histérico e seu sofrimento para que possa decifrar os seus traumas e advir à ética do bem dizer.

Prelúdio 5 - Glauca Nagem
Anéis, anéis, anéis...

Lacan descobre seu nó Bo no seminário 19, pelo menos é assim que ele nos conta:

“Estranhamente, enquanto eu me interrogava, ontem à noite, com a minha geometria da téttrade, sobre a maneira de lhes apresentar isto hoje, sucedeu-me, ao jantar com uma pessoa encantadora que é ouvinte das aulas do Sr. Guilbaud, que me fosse dada, como um anel posto no dedo, uma coisa que parece, segunda eu soube ontem à noite, do que o brasão de armas da família Borromeu. É preciso fazê-lo com cuidado, e é o que faço.” (Seminário 19, p. 89)

Se os anéis que usava eram feitos com toros, a água guardada em Garrafas de Klein e sua cabeça coberta pelo cross-cap, esse jantar lhe oferece outro anel. Anel feito de anéis que se enlaçam de uma tal maneira que se um se solta os outros ficam livres. Nova apresentação, como ele mesmo nos lembra, da concatenação dos anéis da cadeia significativa. Anéis ligados a anéis que se ligam a outros anéis. Só que agora, se um se soltar os outros também se soltam.

No entanto, não se trata de apenas trocar um anel pelo outro. Acompanhando os seminários seguintes Lacan bamboleia com diversas configurações do nó. Por um instante parece, e as vezes fazem parecer, que ele jogou seus anéis, garrafas, bonés fora. Abandonando como um resto desprezível sua construção com essas superfícies. Mas, nos surpreendemos que ele volte, insista, re-use esses objetos preciosos. O nó que a princípio parece destronar todo o resto chega a ser feito por toros, para alguns anos depois de sua aparição ser mesmo extraído de tal rosquinha!

Trabalho de mágico faz esse Lacan. Mas não por capricho ou apenas diversão. A seriedade que vemos em suas manobras topológicas segue em direção a uma formalização que nos afaste dos fenômenos puramente imaginários sem nos afastar, porém da clínica. O nó permite que pensemos que quando nosso paciente fala há uma operação acontecendo. Uma operação em que Real, Simbólico e Imaginário se trançam, dançam, torcem. E em um tempo se faça um nó. Isso não exclui a clínica, a fala, os manejos, a escuta.

Um fragmento: depois de ter chegado com RSI embolado, um balaio de gato como dizem os antigos, um sujeito finaliza seu percurso. Posso seguir daqui para frente só. “Agora ajo sem pensar. Não. Ajo, pois o pensamento está aí”. Sujeito que chegou com pensamento separado da ação pôde nas muitas voltas e reviravoltas cerzir um enlaçamento diferente. Um amor que não exclui o sexo, mas que o faz incluindo a falta. Um laço com o próximo que não o apavora mais pois inclui o não há relação sexual. Possibilidade de circular, virar-se na vida.

A clínica nos ensina ainda que a topologia pode nos orientar como um Mapa. Não um Mapa dado na entrada, mas um Mapa construído a cada volta de uma

análise. Um Mapa cujas coordenadas já estão no início, mas que o sujeito só o extraí na saída, uma letra.

Prelúdio 6 - Andréa Franco Milagres
O laço com o Outro na erotomania: um nó

O tema que nos convoca ao trabalho é “Neurose, psicose e perversão: enlaces e desenlaces”. Tomarei como ponto de partida uma pergunta: o que pode a psicanálise extrair da clínica com sujeitos erotômanos? Podemos considerar a experiência com estes sujeitos potente em termos de ensinamento?

Freud desde o início considerou com reservas a possibilidade de a psicanálise ocupar-se dos sujeitos psicóticos. Já em 1911 constatava que o impasse advinha da dificuldade de estabelecer uma ligação libidinal com o psicanalista, visto que na psicose haveria um retorno da libido em direção ao eu, em detrimento de uma ligação com os objetos, situação que comprometeria a transferência, motor do tratamento psicanalítico. Todavia, se por esta razão Freud desconfiava da aplicabilidade da prática psicanalítica à psicose, paradoxalmente nos mostra, através do delírio de Schreber, como o sujeito trabalha para se reconectar ao Outro. Sempre.

Schreber é exemplar para a psicanálise, na medida em que nos permite constatar os efeitos do desligamento do outro, os destinos da libido quando do seu retorno ao eu e as ulteriores tentativas de religamento.

A partir do enunciado “como seria bom ser uma mulher submetendo-se à cópula” Freud escuta ao pé da letra o desejo de Schreber: eu (um homem) o amo (a ele, um homem). A fórmula-matriz “Eu o amo” sofrerá um trabalho de negações, inversões ou projeções permitindo a Freud depreender uma tipologia da paranoia: delírios de perseguição, de ciúmes, de ser amado e de grandeza, que nos instruirão a respeito de sua ligação com o Outro e, conseqüentemente, com seu desejo, conforme o tipo clínico.

Marisa, um “mulheril”.

De início dificuldades em estabelecer o diagnóstico diferencial. Aos poucos recolhemos algumas pistas. Primeira pista: vendo televisão uma propaganda anunciava: “de mulher pra mulher, Marisa...”. Teve então uma certeza: o recado era pra ela. Segunda pista: o surgimento de um neologismo. Relatava estar em uso de uma medicação que nomeava como “mulheril”, ao invés de melleril[1]. Terceira e inequívoca pista: no parto do terceiro filho testemunhou uma

experiência inefável. Durante a cesariana teve acesso a um gozo sexual que jamais havia experimentado. Sua conclusão é rápida e certa: “Doutor X me ama”. A partir daí passará seus dias atrás do doutor X, cercando-o nas ruas e jogando-se na frente do seu carro para lhe declarar seu amor. Importante lembrar que a erotomania pode manifestar-se clinicamente nas duas vertentes: amar ou ser amado pelo Outro, pois se Marisa ama, foi Dr. X quem declarou seu amor primeiro. Podemos nos interrogar sobre o laço que o sujeito estabelece com o Outro: ela é Marisa, o mulheril que tendo acesso a essa experiência absolutamente única proporcionada pelo Dr. X pode não somente gozar como fazê-lo gozar. Na psicose e especialmente na erotomania

podemos dizer que o amor se torna signo do gozo do Outro e ao mesmo tempo circunscreve seu ser de mulher?

O que podemos concluir é que se a erotomania constitui certo modo de tratamento ou de localização do gozo no Outro, não cabe ao psicanalista aspirar sua erradicação, por mais problemático que seja o manejo clínico. Os psicanalistas que não recuam diante da psicose aprendem que a erotomania pouco cede com a medicação e resiste à nossa intervenção. É que se trata de uma solução subjetiva, uma amarração, um nó. É que nó!

Neste enodamento o analista pode ou não estar incluído. O sujeito pode dispensar o analista e prosseguir com seu trabalho solitário, mas não necessariamente silencioso. Pode também solicitar sua presença situando-o como secretário e testemunho do seu amor louco, ou, como às vezes acontece, pode incluir o analista como aquele que o ama. É neste ponto em que se corre o risco de enrolar-se. É sobre este nó da clínica e seus embaraços que gostaria de tecer alguns fios em Curitiba.

(1)Cloridrato de tioridazina, neuroléptico indicado em casos de psicose e exacerbações agudas.